

actual) emprendese pola súa conta unha galeguización de oficio. Semella a representación actual daqueloutro crego, de apelido coincidente, Xoán Romero da Costa, do segundo terzo do XVII.

O capítulo VII contén un “Apéndice documental” formado por 114 documentos do período 1607-1979 e, para ver en imaxes a *Onomástica histórica*, temos o cap. XI “Índice de mapas, cadros e gráficas” e un “Anexo fotográfico”. A “Bibliografía” (cap. VIII) e un “Índice xeral” pechan o volume.

É de xustiza recoñecer o labor feito polo profesor Lema ao levar a termo un traballo desta magnitude, pioneiro no seu e cuxa estrutura servirá de modelo para futuros investigadores.

Se ben ultimamente houbo algúns traballos que comezaron a enfocar o seu interese na onomástica dos Séculos Escuros (como os de Cordeiro / Varela 1999, Martínez López 1998 ou Muíño Naveira 2006, amais dos do propio autor), o alcance cronolóxico da obra que examinamos é moito máis ambicioso, porque se alonga en dous séculos, ata atinxir o XX. Ademais, achega unha compilación exhaustiva dun territorio concreto, que ben pode servir como punto de referencia para comparación con outras zonas ou co territorio completo de Galicia.

Agora só toca agardar a saída editorial dunha prometida segunda parte, a dos nomes femininos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boullón Agrelo, Ana Isabel / Fernando R. Tato Plaza (1998-1999): “Personal names in Galicia as a sign of cultural identification: historical scope and current situation”, *Onoma* 34, 15-44.

Cordeiro Moledo, Carlos / Sonia Varela Pombo (1999) “Aproximación á onomástica persoal de Cangas do Morrazo no século XVIII”, *Cadernos de Lingua* 20, 85-96.

Ferro Ruibal, Xesús (dir.) (1992): *Diccionario dos nomes galegos*. Vigo: Ir Indo.

Kremer, Dieter (1994): “Galegisch Interne Sprachgeschichte III. Onomastik”, en G. Holtus / M. Metzeltin / Ch. Schmit (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI/2. Tübingen: Max Niemeyer, 34-46.

Martínez López, Xosé Manuel (1998): “Estudio da evolución onomástica na parroquia de santa Columba de Louro alias Cordeiro, 1630-1850”, en *II Premio de investigación 1997. Xesús Ferro Couselo*. Santiago de Compostela: Concello de Valga, 191-236.

Muíño Naveira, Silvia (2006): “Algunhas cuestións sobre a antroponimia betanceira”, *Anuario Brigantino* 29, 185-196.

Saavedra Fernández, Pegerto (1994): *La vida cotidiana en la Galicia del Antiguo Régimen*. Barcelona: Crítica.

Xulia Marqués Valea

SÁNCHEZ REI, JOSÉ MANUEL (2006): A LINGUA GALEGA NO CANCEIRO DE PÉREZ BALLESTEROS. SANTIAGO DE COMPOSTELA: EDICIÓN LAIOVENTO, 454 PP.

Xosé Manuel Sánchez Rei (SR), doutor e profesor titular da Facultade de Filología da Universidade da Coruña, tem-se ocupado recentemente da lingua literária galega do século XIX, em particular, da língua do *Cancionero Popular Gallego (CPG)* publicado por José Pérez Ballesteros em três volumes (1885-1886), que agora apresenta em livro. Sem dúvida, é de louvar esta atenção pela literatura tradicional da Galiza tão desatendida em todos os seus ricos aspectos pela filologia galega contemporânea, que se esqueceu de ter em conta as suas expressões linguísticas, seja na proposta da normativa em vigor da língua galega, seja na réplica reintegracionista da Associação Galega da Língua. SR, com bom critério, considera que a recuperação daqueles traços linguísticos perdidos ou em decadência que se podem encontrar neste cancionero serviria para melhorar o uso da língua galega actual.

O presente livro de SR está dividido em duas partes, enquanto na primeira trata do contexto social e cultural do Ressurgimento, altura em que é publicado o CPG, na segunda estuda as características da língua galega desta compilação, com particular interesse pela componente morfo-sintáctica e léxica. Na nossa opinião, muito pouco se pode ser salvo deste volumoso livro de 454

páginas do professor corunhês, uma vez que fornece poucos novos dados relevantes, “compensados” com muitas informações desnecessárias e, o que é mais grave, com abordagens carentes de competência e rigor no tratamento de todo o tipo de aspectos. Em seguida, dados os limites marcados para esta recensão, indicaremos apenas alguns dos mais relevantes.

No que diz respeito ao estudo deste cancionero popular oitocentista será bom recordar aqui as palavras de 1987 de Diego Catalán no que se refere ao estudo do romanceiro tradicional, mas que também podem ser aplicadas aos outros géneros literários tradicionais:

El folklorismo regionalista de los años 80 no parece creer necesario superar los niveles de erudición de los pioneros de fines del siglo XIX y principios del siglo XX. [...] con obras desprovistas de los cimientos metodológicos y teóricos exigibles en cualquier publicación científica, y abierto a las incursiones de “aficionados” de las más diversas procedencias [...], pero, ignorantes, por lo común, de lo ya hecho y lo por hacer (Catalán 1989: 34).

A incompetência de SR no estudo da literatura de tradição oral pode comprovar-se em inúmeras ocasiões da denominada “Introducción: O Rexurdimento e o Cancioneiro Popular Gallego de Pérez Ballesteros”. Em primeiro lugar, surpreende a pobreza bibliográfica relativa ao estudo da literatura tradicional, pois quase se limita a trabalhos editados ou relativos ao âmbito galego; uma das poucas excepções é a referência a uma obra de conjunto sobre o folclore, um ultrapassado manual de 1890 que se podia encontrar numa recente versão espanhola (Burne 1997) nas bancas dos alfarrabistas na Galiza dos últimos anos. É igualmente deficiente o tratamento da figura de Pérez Ballesteros e do seu trabalho como colector de cancionero tradicional no âmbito da sociedade El Folklore Gallego, pois é incorrecta a afirmação de que Pérez Ballesteros citava sempre os outros colectores no *CPG* quando incluía composições recolhidas por outros estudiosos (Forneiro 2000: 629-642). Também não se informa que era um dos vultos “espanholistas” do galeguismo daquela altura, ou que participou no volume IV da Biblioteca de

las Tradiciones Populares Españolas (1884) dedicado na íntegra ao folclore galego. De facto, julgamos que metodologicamente esses materiais fornecidos por Pérez Ballesteros para esse volume IV também deveriam estar presentes no trabalho de SR, uma vez que foram recolhidos na mesma altura e com os mesmos fins do *CPG*. Por outro lado, não se indica que a sociedade El Folklore Gallego fazia parte de El Folklore Español, a ocultação deste dado ou o facto de não citar pelo seu nome a língua castelhana, sistematicamente denominada com eufemismos (“língua mesetaria”, etc), colocam o leitor perante uma obra fortemente ideologizada em que o autor parece mais preocupado em se mostrar como um patriota galego que em realizar um trabalho filológico criterioso¹.

O amadorismo de SR na investigação da poesia tradicional também se patenteia quando, de maneira confusa, se ocupa dos diversos géneros da lírica tradicional e do seu interesse para a dialectologia. Assim, escolhe como exemplo de romance *A pastora provada polo seu irmão* porque no livro *Romanceiro en lingua galega* (Mariño e L. Bernárdez 2002: 205-208) apresenta “a sorprendente cifra de 31 versións” (p. 68), indicando a seguir em nota de rodapé que para o estudo das características linguísticas do romanceiro tradicional galego deve ser consultado o livro de Forneiro (2004a). Em primeiro lugar, admira que SR considere Mariño Ferro e L. Bernárdez autoridades no estudo do romanceiro depois de ser indicada na revista de que ele é subdirector a incompetência desses professores sobre o referido tema (Forneiro 2004b: 84-88), além disso, o livro de Forneiro nunca pode ser complementar dos *Romances en lingua galega*, entre outras razões, porque boa parte do corpus desta compilação é falso ou não se trata de romances tradicionais (Forneiro 2002: 28). A escolha d’*A pastora...* e o espanto pelos 31 textos reunidos também evidenciam o desconhecimento de SR da natureza da literatura tradicional, uma vez que este tema apresenta uma deficiente tradicionalidade, oferecendo, portanto, escassas variantes nas suas versões (“variacionismo” é o termo de SR); por outro lado, 31 versões dum tema não é um número elevado, pois alguns roman-

ces podem apresentar centenas de textos. De qualquer modo, deste tema conhecem-se muito mais versões, só que Mariño e L. Bernárdez ignoram a maioria do *corpus* do romanceiro galego, que ainda permanece inédito (Forneiro 2000: 60-61, 68-72)².

Igualmente é de notar a inexplicável ausência, na sua menção dos trabalhos mais recentes sobre a literatura tradicional da Galiza, do imprescindível catálogo temático *Romances tradicionais de Galicia* (Valenciano 1998), no entanto, dedica várias páginas a aspectos ausentes no *CPG* como são a música³ ou os cegos como transmissores de "textos tradicionais" e ao mesmo tempo como criadores dum subgénero de que fazem parte os romances (sic). Nesta confusa caracterização dos cegos como cantores populares SR mostra o seu desconhecimento da diferença entre literatura tradicional e literatura vulgar ou semiculta, que era composta nas cidades e que era difundida pelos cegos nos âmbitos urbanos e rurais de toda a Península Ibérica durante a Época Moderna e Contemporânea. Os cegos, juntamente com a Igreja, têm sido os principais difusores da língua castelhana no âmbito das classes populares galegas nesse período histórico e esta presença linguística, resultado da intervenção destes e doutros factores (Forneiro 2004: 15-21), também se encontra na literatura popular, escrita ou oral, tradicional ou vulgar. Em consequência, é improcedente basear-se num desacertado depoimento de Carvalho Calero, já posto em causa (Forneiro 2000: 21-27), para substentar que a literatura oral da Galiza se manifestou sempre na língua do país, monolingüismo que, talvez, nunca tenha existido mesmo desde os fins da Idade Média⁴. Bem pelo contrário, este contacto com a língua castelhana e a falta de textos cultos em língua galega durante séculos explica a vontade casticista nas composições de tipo satírico ou parodístico, fenómeno este do *enxebriño* que SR afirma não ter existido junto das classes populares galegas (p. 140).

Na segunda, e principal, parte do livro, o nosso autor parte dum princípio errado: a língua da literatura popular é fiel reflexo da língua coloquial: "unha fotografía bastante precisa da oralidade da lingua decimonó-

nica" afirma (p. 420). Mas a língua literária (nomeadamente a língua da poesia), por ter precisamente uma dimensão estética, possui uma natureza diferente da fala coloquial e isto serve tanto para a literatura "cultura" ou de autor, quanto para a literatura de tradição oral⁵. Esta errónea identificação mostra-se claramente quando SR se ocupa do futuro do conjuntivo e do infinitivo conjugado. Assim, após levantar quase trinta abonações do primeiro destes tempos verbais conclui que este tempo do conjuntivo ainda estava vivo no galego até ao fim do século XIX⁶, conservando-se depois apenas na lírica tradicional (p. 286), todavia esta conservação não faz reparar o autor na dissociação entre literatura oral e língua coloquial. Por outro lado, só acha dois exemplos de infinitivo conjugado no *CPG*, e esta escassez obriga-o a alterar o seu princípio fulcral e assim manifesta que talvez neste caso o *CPG* não reflectisse a língua da sua época, pois ainda hoje está vivo e porque sabemos que os galegos do séc. XIX o empregavam quando usavam o castelhano. Para justificar esta pobreza de abonações diz: "Seguramente, o contexto das cántigas tradicionais, a súa transmisión, a súa configuración, etc, non propician unha notoria presenza do infinitivo flexionado, que costuma ser máis produtivo nos textos em prosa" (p. 291). Não percebemos qual a incompatibilidade entre o infinitivo conjugado e a poesia tradicional, e prova de que esta não existe é o facto deste tempo verbal estar bem presente no romanceiro tradicional da Galiza, mesmo em verbos castelhanos.

Em nossa opinião, o interesse que oferece a língua da literatura popular encontra-se nos fenómenos raros, perdidos ou alheios às falas coloquiais, ou nas eventuais variantes diastráticas que difiram da realidade dialectal da língua dos nossos dias, usando para este fim a bibliografia pertinente e actualizada. Porém, SR nas suas análises dos diversos aspectos linguísticos oferece imensa informação (parece como se "descarregasse" todo o seu saber em cada caso), informação irrelevante como, por exemplo, quando indica a presença do infinitivo conjugado nas línguas europeias ou na imensa maioria das citações dos ultrapassados depoimentos dos gramáticos galegos do século XIX. Afinal,

este excesso de información supérflua acaba por ocultar os interesantes levantamentos realizados por SR⁷, que, por outro lado, parece desconhecer a bibliografía recente importante para as súas análises ou emprega de maneira arbitraria os traballos bibliográficos que cita. Assim, ignora os imprescindibles artigos de J. L. Rodríguez sobre as formas de tratamento (Rodríguez 2000) ou de J. A. Souto (2000) sobre os verbos *dizer* e *receber*,⁸ ou refere-se a um libro de Forneiro (2004) quando trata da palabra *Deus* (p. 177), mas non emprega esta obra quando se ocupa do pronome mesoclítico (pois fornece datos que corrigen o afirmado por Forneiro (p. 297)), e tamén non cita o mesmo traballo quando analiza o sufixo em *-zón* (p. 198), o C.D. sem preposición *a* (pp. 199-201), o presente do conxuntivo de *ir* (273), entre outros moitos casos.

Uma vez que na lectura das mais de catrocentas páxinas o lector mal pode tirar algunha cousa de proveito sobre o contexto cultural e o valor lingüístico do CPG, este enfadonho traballo aínda se torna mais penoso debido ao pretenso estilo culto e arcaizante que emprega SR —“nesta preludial parte” (p. 12), “as páxinas que preliminarizan as palabras da presente introdución” (p. 14), “en formato libresco por causa do óbito do plesbítero” (p. 36), “oralidade galegófona” (p. 274) etc.—, mesmo para exprimir anacrónicas ideas politicamente correctas fora de lugar num libro como este —“visión menhirizantemente masculina da sociedade” (p. 90) —. Por outro lado tamén non faltan castelhanismos: “outono decimonónico” (p. 274) “xeografía (sic) galega” (p. 60), “rotativo coruñés” (p. 61), “tampouco teñen perda” (p. 65), etc.

É um lugar-comum em certos âmbitos académicos e culturais da Galiza dos últimos anos a consideración de que toda a obra escrita ou que estude a língua galega serve para a súa normalización. Nós, porén, non vemos que uma obra como esta, um libro de mais de 400 páxinas composto sem um mínimo de rigor filolóxico, sirva para a melhor fortuna da língua galega, antes, polo contrario, julgamos que esta falta de criterio apenas serve para manter o atraso estrutural da filología e da cultura galegas, para além de

embaçar o *curriculum vitae* de SR. Esperemos que o noso estudioso saiba mudar no futuro, pois “as pátrias” só são normalizadas com obras útiles, realizadas com o debido rigor, e, portanto, apresentáveis no contexto internacional.

¹ Sirvam como exemplo de “patriotismo” as anacrónicas e impertinentes consideracións de SR sobre a situación do galego no ensino e na Igrexa em épocas passadas.

² Segundo SR Mariño Ferro e L. Bernárdez “compilan todos os romances galegos” (p. 59).

³ Trata aquí de persoas do mundo da música galega que nada têm a ver com o CPG como Marcial de Adalid, Xoán Montes, Milladoiro ou Carlos Núñez.

⁴ Também julgamos que é cuestionável pressupor que em épocas passadas os antropónimos tinham sempre a forma galega até datas recentes, como de forma sistemática considera SR, entre outras razóns pelo activo papel da Igrexa como elemento castelhanizador. Ao que julgamos, é de grande interese para a realidade galega o traballo de Joan-Lluís Marfany relativo à presenza do castelhanismo na onomástica catalã desde a Idade Média (Marfany 2001: 27-106).

⁵ Se a língua da literatura tradicional reflectisse mecanicamente a língua do quotidiano de cada época histórica e se recorréssemos ao romanceiro de tradición oral da Galiza, cuja língua base é o castelhan, haveria que concluir que os camponeses galegos do século XIX e XX, falavam no seu día-a-día nessa língua, conclusión obviamente disparatada. Porén, SR afirma que “Forneiro (2004: 33) duvida que a sociedade rural galega empregase unicamente o galego” (p. 23); quem ler o manifestado por Forneiro comprovará que em nenhum momento afirma que o castelhan tenha sido também língua habitual dos camponeses galegos, mas sim que estes tinham, por diversas vias, contactos com a língua de Castela que permitia que alguns deles fossem capazes de compor poesía neste língua e, mesmo, empregá-la em situações formais.

⁶ Segundo Alexandre Veiga o facto de os escritores galegos do século XIX usarem mal este tempo verbal demonstra a sua nula ou escassa vitalidade na língua galega daquela altura (Veiga 1989: 269).

⁷ Como as abonações de *andeí ladra*, o maior número de exemplos de *cor* (8) que de *color* (3), ou de *ahora* (78) que de *agora* (41), ou de *soup-* (8) que de *soub-* (7) na raiz do pretérito do verbo *saber*.

⁸ Ambos os artigos fazem parte duma obra colectiva onde SR tamén colabora com um traballo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Burne, Charlotte Sophia (1997): *Manual del folclore*. Madrid: M.E. Editores.
- Catalán, Diego (1989): “El campo del Romanceiro. Presente y futuro”, em Pedro Piñero *et al.* (eds.), *El Romanceiro. Tradición y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romanceiro*. Cádiz: Fundación Machado-Universidad de Sevilla.

- Forneiro, José Luís (1999): "José Pérez Ballesteros e o romanceiro tradicional galego", em Rosario Álvarez. / Dolores Vilavedra (eds.), *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe a Xesús Alonso Montero*, t. II. Santiago de Compostela: Universidade, 629-642.
- Forneiro, José Luís (2000): *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*. Oiartzun: Senda.
- Forneiro, José Luís (2002): "Fora as vossas torpes maos do romanceiro galego", *A Nosa Terra* 1046, 28.
- Forneiro, José Luís (2004a): *Allá em riba un rey tinha una filha. Galego e castelhana no romanceiro da Galiza*. Ourense: Difusora de Letras, Artes e Ideas.
- Forneiro, José Luís (2004b). "Armando Cotarelo Valledor, editor e estudioso do romanceiro tradicional galego", *Revista Galega de Filoloxía* 5, 79-106.
- Marfany, Joan Lluís (2001): *La llengua maltractada. El castellà i el català a Catalunya del segle XVI al segle XIX*. Barcelona: Editorial Empúries.
- Mariño Ferro, Xosé Ramón / Carlos L. Bernárdez (2002). *Romanceiro en lingua galega*. Vigo: Edicións Xerais.
- Rodríguez, José Luís (2000): "Para um perfil das formas de tratamento *vostede, vosté, você*" em José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, t. I. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Universidade, 847-883.
- Souto, José António (2000): "Sobre (falsos) testemunhos de *dezir e recibir*: dous documentos de Ribas de Sil" em José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, t. I. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Universidade, 937-962.
- Valenciano, Ana (1998): *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus textos*. Madrid / Santiago de Compostela: Fundación Ramón Menéndez Pidal / Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro".
- Veiga, Alexandre (1989): "La sustitución del futuro de subjuntivo en la diacronía del español", *Verba* 16, 257-338.

José Luís Forneiro